

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº130 - JANEIRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

130



A RELAÇÃO ENTRE SENTIDO E REFERÊNCIA A PARTIR DO OLHAR DE FREGÉ

MARINALVA VIEIRA BARBOSA



Marinalva Vieira Barbosa

marinalv@iel.unicamp.br

Aluna do Curso de Mestrado em Lingüística - IEL – UNICAMP

A RELAÇÃO ENTRE SENTIDO E REFERÊNCIA A PARTIR DO OLHAR DE FREGE

Qual o significado do que você está falando? O que você quer dizer com isso? Essas são questões que marcam o nosso cotidiano, mas que refletem também uma polêmica que faz parte dos estudos semânticos. A definição do sentido das palavras no mundo, a necessidade de especificar a que o sentido se refere, de que ele fala, tem sido uma busca de diferentes teóricos ligados ao campo da Semântica. O Filósofo Alemão Gottlob Frege, por exemplo, buscou amparo na lógica para desenvolver a sua teoria sobre o sentido e o referente. A abordagem freguiana postula que o estudo do significado tem como base o conceito de verdade. *Um nome próprio, por exemplo, tem significado quando conseguimos alcançar, através do seu sentido, o objeto no mundo.* (p. 94)

A relação entre o significado da palavra e seu referente foi discutida por Frege no clássico ensaio *Sobre o sentido e a referência* (1982). Frege inicia seu texto afirmando que *a igualdade desafia a reflexão dando origem a questões que não são muito fáceis de responder.* A relação de igualdade ou a explicação de como é possível que uma sentença da forma $a=a$ tenha valor cognitivo diferente de uma sentença da forma $a=b$ é o ponto de partida do texto referido. No caso de $a=a$, trata-se da relação que o objeto tem consigo mesmo; já em $a=b$ a relação de igualdade é constituída entre dois sinais ou nomes diferentes que se referem a um mesmo objeto. (p.61)

É a consideração de que o sentido de uma expressão ou de uma sentença não se confunde com o objeto de referência que torna possível explicar como os valores cognitivos de $a=a$ e de $a=b$ diferem. Numa afirmação do tipo *a estrela da manhã é a estrela da manhã*, teríamos uma relação do tipo $a=a$, em que o verbo *ser* estabelece uma relação de identidades entre dois objetos. Neste caso, não há diferença nem distinção de sentidos. Já na afirmação *a estrela da manhã é a estrela da tarde*, temos uma relação do tipo $a=b$, pois dois sentidos diferentes são usados para referir a um mesmo objeto.

As relações do tipo $a=a$ são denominadas de analíticas e são verdadeiras em qualquer circunstância. É uma verdade óbvia. Já a expressão $a=b$ remete a uma relação descritiva. Neste caso, o verbo *ser* liga expressões com sentidos diferentes, estabelecendo uma relação de identidade a partir de elementos diferentes. Na relação $a=b$ *existem extensões muito valiosas de nosso conhecimento, e nem sempre podem ser estabelecidas a priori.* As expressões apresentadas nos exemplos acima têm um mesmo referente - o planeta Vênus - no entanto, existem dois modos de referir a este objeto. *Estrela da manhã* e *estrela da tarde* são duas expressões com sentidos diferentes que remetem a um mesmo objeto. (p. 61)

Tomando como base um sistema ternário, Frege concebe o signo a partir da distinção entre nome próprio, sentido e referência. Usando como exemplo as linhas constitutivas do triângulo, o teórico afirma que os pontos que ligam *a* e *b* e *a* e *c* apresentam a mesma intersecção, isto é, são descrições que apresentam o mesmo ponto de referência, mas com sentidos diferentes. Para Guimarães (1995), Frege trata a igualdade como sendo uma relação entre os sinais *a* e *b* e não

entre os objetos designados por *a* e *b*. Assim, *uma diferença só poderá aparecer se à diferença entre sinais corresponde uma diferença no modo de apresentação daquilo que é designado.* (p.61)

Os diferentes modos de referir a um mesmo objeto, segundo Oliveira (2001), mostra que a teoria desenvolvida por Frege considera que o significado envolve pelos menos dois conceitos: o de sentido e o de referência. Essa face dupla do significado é responsável pela ambigüidade existente em perguntas do tipo: qual o significado da cor vermelha? Tal pergunta pode mobilizar dois tipos de respostas: uma que aponta para o seu referente, no caso uma amostra do vermelho; a outra resposta pode envolver definições que falam da categoria do vermelho como pertencente às chamadas cores primárias, ou seja, que remetem ao sentido que o vermelho tem. Ao perguntar pelo significado de uma palavra podemos ter respostas que falam de sua referência ou que falam do seu sentido.

A descrição do conceito de significado toma como ponto de partida o conceito de verdade, isto é, trata-se de uma proposta semântica que está fundamentada na relação da linguagem com os objetos no mundo, sendo o referente a condição fundamental para a compreensão do significado. O referente é o objeto no mundo, que por sua vez, só pode ser alcançado a partir do seu sentido. Neste contexto, *um nome próprio exprime seu sentido e designa ou refere-se a sua referência. Por meio de um sinal exprimimos seu sentido e designamos a sua referência.* (p.67)

Para Frege, quando as palavras são usadas de forma costumeira fala-se de referência. No entanto, também podem ser usadas para referir a si próprias ou sobre o seu sentido. Isto ocorre quando recorremos às palavras de outrem para falarmos de um determinado assunto. As palavras de quem cita têm como referência as palavras citadas, sendo que somente as palavras trazidas de um outro contexto é que apresentam referência usual. Daí termos sinais de sinais. O outro caso que ocorre nestas circunstâncias é o da citação indireta, em que usamos o sentido das palavras de outrem, mas não as mobilizamos diretamente para o contexto de uso, ou seja, quando fazemos uma citação indireta, as palavras também não apresentam uma referência costumeira.

Outra noção também implicada no conceito de significado é a de representação, que trata do aspecto subjetivo do significado. A representação apresenta muitas diferenças no sentido de um sinal por ser resultado de um olhar individual sobre um determinado objeto. A representação que alguém tem da lua, por exemplo, é única. Daí Frege dizer que a representação deve ser vinculada a uma época. Retomando a cor vermelha, podemos dizer que atualmente no Brasil ela suscita diferentes representações dependendo dos envolvidos. Para um militante do MST, vermelho significa luta pela conquista da terra. Já para um integrante do movimento ruralista, esta cor está ligada aos movimentos de esquerda, que por sua vez representam baderna, desrespeito e transgressão a ordem estabelecida. Para o primeiro, a cor representa necessidade de conquistar, tornar válido um direito; para o segundo, ela representa a quebra de uma ordem estabelecida, a quebra de direitos. Nos dois casos, a cor - o referente do vermelho - não muda, não há um vermelho para o sem-terra e outro para o militante do movimento ruralista, o que muda é a forma de ver o vermelho.

As representações mudam de acordo com a época e os envolvidos, mas o sentido – cor primária que difere do azul ou do amarelo – e a referência – uma amostra da cor vermelha – são comuns a todos os falantes de uma comunidade, são compartilhados. Daí a representação diferir do sentido de um sinal, que pode

ser propriedade de muitos e não resultado de um olhar individual. Segundo Frege, os sentidos são o tesouro comum de pensamentos da humanidade, são resultados dos vários caminhos traçados por nossos antepassados e revelam os diferentes modos de apresentar e conhecer um objeto.

Diante disso, pode-se dizer que a referência do nome próprio é o objeto que ocupa um lugar no mundo, já a representação é resultado do olhar individual sobre o objeto, o que faz com que esta tenha um caráter único e subjetivo. Entre a referência e a representação está o sentido, que não apresenta a mesma subjetividade da representação, mas também não é o objeto. O sentido é o que tem de estável, de compartilhável na língua. O caráter subjetivo da representação fez com que Frege a excluísse dos estudos semânticos, considerando tratar-se de uma questão de interesse da psicologia. A discussão sobre este assunto aparece em seu texto com a finalidade de evitar que a representação seja confundida com o sentido ou com a referência.

Ao discutir o caso das sentenças assertivas completas, Frege afirma que o pensamento – sentido das sentenças - não pode ser a referência da sentença porque muda. Observa-se que a referência parece na teoria freguiana como uma condição fundamental, tanto que Frege postula não só a necessidade de o nome próprio apresentar uma referência, mas também a sentença. Assim, ao sentido de uma sentença chamou de *pensamento* e à sua referência de *valor de verdade*. Tal condição traz o problema das sentenças que possuem sentido, mas que não têm uma referência.

Como pensar, por exemplo, uma referência para sentença do tipo *Papai Noel tem uma barba longa e muito branca*? Como pleitear um valor de verdade para tal sentença? Segundo Frege, por não ser um objeto no mundo, por ser um nome sem referência, não é possível dizer se é uma sentença verdadeira ou falsa. A condição de verdade de uma sentença pode ser afirmada a partir de sua existência no mundo, ou seja, a sentença *Papai Noel tem uma barba longa e muito branca* não pode ser considerada verdadeira ou falsa porque é uma criação imaginária cuja existência não pode ser comprovada. É uma criação que faz parte do imaginário das pessoas, portanto para a teoria freguiana é totalmente irrelevante que tenha referência ou não, isto porque é a busca da verdade que possibilita o movimento do sentido para a referência.

Segundo Oliveira (2001), a forma como Frege resolve o problema criado pelos nomes relacionados ao mundo ficcional decorre de sua posição quanto ao problema da pressuposição existencial. A sentença *Papai Noel tem uma barba longa e muito branca* carrega a pressuposição de que papai noel existe. Negamos ou afirmamos uma sentença se consideramos que sua pressuposição de existência é verdadeira. Se partimos do pressuposto de que papai noel não existe, então não podemos tecer qualquer juízo sobre tal sentença, ou seja, não se pode afirmar a condição de verdade ou falsidade sobre sentenças que falam de papai noel. Para Guimarães:

Frege (...) ao ser levado a tratar a pressuposição, trouxe para os estudos da significação a questão da exterioridade no sentido, não para incluí-la, mas para excluí-la de modo direto na sua formulação. Note-se que o único exterior a ser considerado para Frege é o dos objetos, e o dos valores de verdade. A exclusão de Frege é interessante porque o que ele exclui é a relação de sentido entre a sentença e um já-dito fora da sentença, o que ele exclui é linguagem. É a exterioridade enquanto linguagem. (1995, p. 86)

Por aspirar a construção de uma linguagem perfeita, que não apresentasse os mesmos problemas da linguagem natural, Frege deixa de fora de sua teoria aquilo que não pode ter uma referência no mundo, pois parte do princípio de que a linguagem natural apresenta ambigüidades que poderiam ser eliminadas numa linguagem artificial, objetiva. Para construir essa linguagem perfeita, apela para um mundo em que nomes e sentenças, necessariamente, precisam ter uma referência. Somente quando pensa a representação é que afasta-se desse mundo, mas a coloca no campo do individual.

Assim, *se as palavras são usadas de modo corrente, o que se pretende falar é de sua referência*. Utilizando as palavras do modo em que são conhecidas por aqueles que usam um sistema lingüístico, a referência é o objeto no mundo do qual se quer falar. Nos contextos indiretos, considerados opacos, a referência localiza-se em outras palavras. Mas em tais condições não se fala em referência usual, mas indireta. (p. 64)

Ao discutir as condições em que o valor de verdade de uma sentença pode ser mantido, Frege afirma que não ocorre alteração quando é possível trocar uma expressão por outra que tenha a mesma referência. Nos exemplos *Marta é a mãe de Carla* e *a professora de português é a mãe de Carla* temos duas formas diferentes para falar de um mesmo referente, ou seja, os sentidos dessas expressões podem ser intercambiados sem que o seu valor de verdade seja alterado.

No entanto, essa condição sofre alteração quando tratamos das sentenças complexas em discurso direto e indireto, pois nesses casos não apresentam um pensamento independente. Isto ocorre porque uma sentença em discurso direto remete a uma outra sentença e em discurso indireto a um pensamento. Daí a conclusão de que nas sentenças subordinadas, as substituições não se dão entre expressões com referência costumeira, mas entre as que apresentam um sentido costumeiro.

Na sentença *Colombo inferiu que da redondeza da terra poderia alcançar a Índia viajando em direção ao oeste* estão presentes como referência dois pensamentos diferentes: *o de que a terra é redonda* e *o de que Colombo descobriu as Índias*. Isso não é suficiente para que possamos afirmar que se trata de uma sentença verdadeira ou falsa, uma vez que a condição de verdade é estabelecida pela convicção de Colombo de que a terra é redonda e de que podia chegar às Índias. A condição esférica da terra e o sucesso da viagem não são importantes para a verdade da sentença. (p. 73)

No exemplo acima, se for feita uma substituição por outra sentença que tenha a mesma referência, poderá ocorrer alteração no valor de verdade da sentença complexa, pois estamos tratando da crença de Colombo. *Nesses casos, nos diz Frege, podemos realizar substituições desde que mantenhamos inalterado o sentido das expressões e não a referência. Isto é, podemos substituir por uma sentença sinônima*. (Oliveira, 2001, p. 119)

Por estar falando de linguagem a partir do campo da lógica, a preocupação com a verdade, para Frege, estava ligada à necessidade de encontrar as várias maneiras por meio das quais o pensamento se apresenta, daí a busca de um modelo de sentença que satisfaça as condições que defende em sua teoria. Para tanto, toma como modelo sentenças subordinadas cujas palavras tenham referências costumeiras e não apresentam um pensamento como sentido nem um valor de verdade como referência.

No exemplo: *aquela que descobriu a forma elíptica das órbitas planetárias morreu na miséria*, segundo Guimarães (1995), a expressão subordinada *que descobriu a forma elíptica planetária* não apresenta referência nem sentido. A ausência de sentido é explicada pelo fato de ser uma expressão que não pode ser usada de forma independente. Por outro lado, a referência tem como objetivo designar alguém – Kepler, o descobridor – o que não encerra um valor de verdade. Para Frege, o que é afirmado na subordinada não faz parte do que se afirma na sentença complexa. Isto pode ser verificado a partir do teste da negação e da interrogação. Negação ou interrogação, tanto uma como a outra vão incidir somente na oração principal.

Esse modelo permite que Frege contorne, por exemplo, o problema colocado pela sentença com discursos direto e indireto, pois pode fazer a substituição de uma sentença por outra que tenha a mesma referência sem que o valor de verdade seja alterado. As sentenças subordinadas apresentam apenas uma parte do pensamento contido na sentença complexa e não tem um valor de verdade como referência. Tal condição é possível porque *ou as palavras da sentença subordinada têm uma referência indireta, de modo que a referência da subordinada, e não o seu sentido, constitui um pensamento, ou bem a sentença subordinada, por conter um indicador indefinido, é incompleta e só exprime um pensamento quando justaposta à sentença principal* (p. 81).

Em suma, a separação feita por Frege entre sentido e referente é resultado de uma concepção que busca racionalizar a linguagem. Essa busca pela objetivação é a responsável pela idéia de que seria possível construir uma máquina que reproduzisse de forma limpa e objetiva a competência semântica de um falante. Recorrendo às palavras de Oliveira (2001), podemos dizer que a máquina freguiana consegue imitar a criatividade semântica do falante, mas não dá conta de explicar toda a sua complexidade. É uma tarefa espinhosa higienizar a linguagem, matematizar o sentido, pois trata-se de algo cujo os limites não são redutíveis a uma definição e nem passíveis de explicações exatas.

BIBLIOGRAFIA

- FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono – uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876**. Dissertação de mestrado. Unicamp, 2002.
- FREGE, Gottlob. (1982). **Sobre o Sentido e a Referência**. In: Lógica e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.
- GUIMARÃES, Eduardo. (1995). **Os Limites do sentido**. Campinas, Pontes.
- _____. **Semântica do acontecimento**. Campinas, Pontes. 2002.
- OLIVEIRA, Roberta Pires. **Semântica Formal – uma breve introdução**. Campinas, Mercado das Letras.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio – no movimento dos sentidos**. Campinas, Editora da Unicamp. 1997.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

Á S P E R A S
A S P Ê R A S
E S P E R A M

CARLOS MOREIRA